



Teresa Júdice Gamito

As muralhas de Faro e os
Vestígios Bizantinos da Ocupação da Cidade
e do seu Sistema Defensivo

In
Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro

Lisboa, 1996
pp. 259-268



~~3-3~~
3-4

Miscellanea em homenagem ao Professor Balthazar Oleiro
in
Vestígios Bizantinos da Ocupação da Cidade
e do seu Sistema Defensivo
As muralhas de Faro e os

Lisboa, 1996
pp. 229-268

AS MURALHAS DE FARO E OS VESTÍGIOS BIZANTINOS DA OCUPAÇÃO DA CIDADE E DO SEU SISTEMA DEFENSIVO

*Teresa Júdice Gamito**

Introdução

Ossonoba: Situação Geográfica

A evolução de Faro, antiga cidade de Ossonoba, tem sido motivo de investigações diversas quer a nível geológico, quer arqueológico e histórico. Na Antiguidade, a cidade de Ossonoba estaria mais avançada em relação à linha de costa. Isto é, mais perto do mar do que se encontra Faro actual. Não só o assoreamento da ria se tem vindo a acentuar, fazendo o sapal avançar, como as areias costeiras se têm movimentado, especialmente nos últimos tempos, depositando-se na costa. Estes aspectos são-nos facultados não só pelos estudos geológicos da evolução da ria, como por alguns vestígios de época moderna ainda ali detectáveis, como é o caso do forte de S. Lourenço, que nos séculos XVI e XVII controlava a entrada da ria e o acesso à cidade pelo mar, e que agora se encontra submerso pelas águas da Ria Formosa. Por outro lado, há ainda que referir a subida gradual do nível das águas do mar, que se encontrava então muito mais abaixo do que o actual.

A cidade antiga apresenta-se totalmente rodeada de imponentes muralhas que têm vindo a ser gradualmente postas a descoberto e libertadas de habitações, que aí se foram encostando, pela acção da Câmara Municipal de Faro. As suas entradas têm sido igualmente extremamente valorizadas pelo empenhamento do Gabinete de Arquitectura da CMF surgindo agora embelezadas e restituídas à sua dignidade primitiva. Escavações efectuadas na cidade antiga, permitiram-nos observar que duas zonas distintas se podem considerar na cidade velha: a mais antiga, associada

* Professora Catedrática - Universidade do Algarve.

à acrópole e zona mais alta da cidade, provavelmente a Ossonoba proto-histórica, alargada em período romano até ao limite das actuais muralhas, de construção romana. Na verdade, apesar do nível actual das ruas e largos limitrofes estar mais elevado do que estaria então, pelos depósitos que sucessivos níveis de ocupação e destruição foram formando no interior da cidade, é ainda possível observar nos painos de muralha e nos torreões mais antigos a feitura romana, especialmente nos seus torreões arredondados de observação e controlo. Trata-se assim de uma construção típica romana do século I/II d.C., época em que as cidades romanas da Hispânia se revestem de muralhas com uma certa monumentalidade, constituindo mais um sinal de prestígio e de força, do que expressão da sua funcionalidade e necessidade. Os vestígios da presença Bizantina na cidade observam-se no reforço que estas muralhas sofreram antes do período Islâmico.

Os dados históricos

No sul da Península Ibérica, os Bizantinos, depois da derrota que lhes foi imposta pelos Visigóticos em Córdoba parecem ter acordado num tratado de paz no qual lhes era permitido a conquista de zonas mais a ocidente na Península Ibérica. Assim terão ocupado todo o sul da península em 554, sendo provavelmente Évora (Évora) o seu estabelecimento mais a norte, e permanecendo no Algarve até 624 (Mapa 1) (Oliveira Marques, 1982; Mattoso, 1990; de Almeida, 1962).

Tal como Fernando de Almeida salienta (1962, 33), a ideia de reconquistar as últimas parcelas do anterior Império Romano do Ocidente apenas ocorreu a Justiniano, que disfarçou as suas intenções expansionistas com a desculpa de defender o catolicismo, tão terrivelmente ameaçado na Hispânia. Como sabemos, o prestígio e a influência do Império Romano do Oriente era então enorme, e Constantinopla uma cidade magnífica e luxuosa. O impacto inicial dos povos Germânicos sobre o Império Romano do Ocidente fez-se de uma maneira localizada, por invasões ou incursões de hordas de povos guerreiros, ainda em organização tribal e nómada. Não foi sentido como uma mudança radical e completa, ou como a perda irremediável da anterior e bem estabelecida maneira de viver e padrões de civilização: os diferentes povos residentes naquelas regiões continuaram a designar-se e a sentirem-se como Romanos, actuando como tal. Assim, quando o rei visigótico Atanagildo pediu ajuda a Justiniano para combater Agila, o invasor ariano, Libérius, um chefe militar bizantino, altamente especializado e competente, foi enviado, à Hispânia para ajudar Atanagildo (Oliveira Marques, 1982).

Libérius terá estabelecido o quartel general bizantino em Córdoba ou Carthage-na entre 551 e 554. Dos chefes bizantinos na Península Ibérica apenas se conhecem os nomes de alguns. Um deles foi Comentiolus, que veio em auxílio de Leogivildo, rei dos visigodos, contra o seu filho Hermenegildo. Hermenegildo tinha-se tornado cristão, governava em Sevilha e revoltara-se contra o pai, acabando por ser derrotado e morto em Tarragona. Outro famoso chefe bizantino foi Cesarius. Derrotado pelo rei Sisebuto, o seu território ficou reduzido à zona do Algarve, tornando-se Ossonoba (Faro) o seu quartel-general e principal centro bizantino na Península Ibérica (Oliveira Marques, 1989). Aqui permaneceram até 624.

Documentos sobre a ocupação bizantina no sul da Península são bastante escassos. Possivelmente o melhor fundamento sobre o problema é-nos dado por Goubert (1950), quando nos sugere que a ausência dos bispos de Ossonoba nos concílios da Igreja Católica, pode ser um bom indicador para a presença e domínio bizantinos na área. Entre a presença de Petrus Ossonubensis no III Concilium de Toledo em 589, e 653, nenhum bispo de Ossonoba esteve presente e assinou os IV, V, VI e VII Concilia de Toledo. Apenas no VIII Concilium, no ano de 653, um representante do bispo de Ossonoba assinou o seu nome nos livros do Concilium: tratava-se de *Sagarello, diaconus Saturnini episcopi ecclesiae ossonobensis*. A razão para a ausência dos bispos de Ossonoba naqueles concílios, seria, de acordo com Goubert, devido ao facto de que aquela região estaria então sob o domínio de Bizâncio (Goubert, 1950, 281).

Fernando de Almeida (1962) concorda, de um modo geral, com os pontos de vista de Goubert, sugerindo que o domínio bizantino no extremo ocidental da península não teria ido muito mais além do que as áreas imediatamente a norte do Algarve, tornando-se numa espécie de linha ondulante, mais tarde quebrando-se e formando duas partes autónomas: o Sudoeste, dominado pelas cidades de Ossonoba e Lacobriga; e o sul, dominado por Cartagena (Málaga).

A Arqueologia

A ocupação bizantina do Algarve poderia ter durado cerca de 70 anos, um espaço de tempo relativamente longo, duas ou três gerações, mas extremamente curto em termos históricos. A análise do problema traz à discussão aspectos que devem ser tomados em consideração:

1. A invasão e domínio de uma região por um povo conquistador, não quer dizer, e isto em qualquer momento da História, a total substituição de um povo por outro. O que de facto acontece, e especialmente nestes tempos recuados da História da Europa em que qualquer conflito era apenas e ainda uma guerra localizada, é que apenas as novas elites dominantes irão substituir as que foram derrotadas, e isso é feito, geralmente, com o apoio de um exército novo, aguerrido e poderoso, que deveria ter sido o caso.

Podemos pensar que num primeiro momento de impacto e fixação, os Bizantinos terão aproveitado as estruturas e edifícios já existentes, deixando para mais tarde reestruturações que de momento não poderiam ter implementado. Por outro lado, não podemos esquecer que os Bizantinos eram, eles também Romanos, tal como os povos que agora dominavam, e portanto não traziam consigo traços distintivos tão claros que permitissem uma identificação rápida e segura de quem eram os verdadeiros senhores, talvez apenas alguns objectos mais luxuosos ou exóticos, sedas e jóias magníficas, pelas quais se tornaram famosos em toda a Europa de então.

A sua influência sobre os outros povos da época era sem dúvida muito forte, não constituindo os Visigodos uma excepção à regra, como sabemos, ainda pelos relatos históricos. Assim, vemos que estes continuaram, adoptaram e usaram na sua arte muitos dos motivos e aspectos de influência bizantina, quer por uma influência cul-

tural directa, quando os Visigodos na sua marcha para Ocidente pararam temporariamente às portas de Bizâncio, ou trazidos pelos próprios Bizantinos, para o Ocidente.

2. Uma das primeiras preocupações para um povo conquistador, num primeiro momento da tomada em seu poder de uma região, será certamente o reforço das defesas militares, daqueles pontos chave, que lhe irão permitir manter sob o seu domínio a região conquistada.

Este é um aspecto em que a análise arqueológica poderá trazer uma boa contribuição sobre a ocupação bizantina no Algarve.

3. Por outro lado, todo o sul de Portugal, desde Lisboa até a Algarve, foi uma das regiões de Portugal que mais sofreu com tremores de terra mais ou menos violentos. Muitos monumentos ou traços monumentais de cidades, vilas, castelos e mosteiros foram totalmente destruídos, desaparecendo na paisagem, ficando apenas alguns elementos que encontramos reaproveitados em monumentos e construções posteriores. Outros, foi a acção do homem que alterou e destruiu, à medida que novos conceitos e maneiras de viver se foram estabelecendo. Muitas pedras gravadas, capitéis de colunas e pedras tumulares, fora do seu contexto inicial, testemunham a passagem dos Bizantinos ou a ocupação visigótica da Hispânia.

De salientar sepulturas deste período encontradas no interior das basílicas, local preferido para os enterramentos, de que são exemplos notáveis as das ruínas das basílicas de Tróia ou de Mértola, mais recentemente postas a descoberto. Outras pedras gravadas isoladas ou partes de colunas constituem bons exemplos da arte bizantina/visigótica, como os exemplares do Museu do Carmo, provenientes do antigo convento de Chelas, ou do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, ou dos Museus de Lagos, Beja, Évora, ou isoladamente reaproveitadas em templos cristãos, como é o caso da pia de água benta da igreja da Misericórdia de Faro.

Em relação ao ponto 1. desta análise, uma atenção e relevo especiais terão sido dados no reforço e consolidação das estruturas defensivas de Ossonoba e dos outros pontos estratégicos mais importantes ao longo da costa do Algarve. No caso de Ossonoba, se observarmos as suas muralhas, notamos que sofreram um reforço generalizado em determinado momento anterior à ocupação islâmica. Apresentamos alguns aspectos que devemos salientar:

1. Em muitos pontos as muralhas de Ossonoba apresentam na parte inferior, vestígios de uma amuralhado regular, constituído por pedra bem cortada, que se desenvolve em blocos mais pequenos, cortados de um modo mais rude, mas solidamente ligados com argamassa de tipo romano (Fig. 1 e 2). Estas muralhas apresentam nos pontos de viragem ou em extensões mais longas, os típicos torreões arredondados romanos como podemos observar nas cidades romanas de Itália, como Fano, Pesaro, Bellinzona, ou mesmo em Espanha, como Italica, Mérida, ou Tarragona (Lander, 1984). Tanto Viana (1939) como Pinheiro Rosa (1975) sugerem esta possibilidade. O sistema defensivo da cidade apresenta-se cuidadosamente construído no lado Este, actualmente o Largo de S. Francisco, exactamente o que apresenta melhor acesso por terra. Aí, todos os torreões defensivos da época romana, geralmente em meia lua e salientes do pano de muralhas, permitindo a sua defesa em fogo cruzado, parecem ter sofrido o mesmo tipo de reforço e prolongamento: a

face exterior em arco passa subitamente a ser facetada na forma heptagonal tão do agrado dos Bizantinos (Figs. 3 e 4).

A parte Oeste da cidade antiga devia dar directamente para a ria, constituindo o acesso directo à cidade do lado do mar, não necessitando de torreões deste tipo, nem de uma defesa tão bem organizada, uma vez que qualquer aproximação à cidade desse lado seria controlada pelo mar, adornando-se talvez apenas de minaretes, para que os seus habitantes pudessem observar os barcos que se aproximavam. Talvez por isso mesmo apenas de assinalar alguns torreões quadrangulares, como aparecem também em Cartago, cidade com uma situação análoga, que continuaram a ser utilizados em épocas posteriores. Julgo que este aspecto é ainda um aspecto preservado da antiga muralha romana da cidade de Ossonoba. O sistema de barbacãs, avançando e protegendo as portas da cidade, introduzido em época islâmica, constitui o sistema prevalecte, até hoje, nas entradas da cidade, especialmente a Norte, a actualmente designada por Arco da Vila, e a nascente, actual Arco do Repouso, podendo no entanto já ter sido utilizado em época romana, como é o caso de Terracina (Itália), mas que só futuras escavações na área poderão, eventualmente confirmar. As torres heptagonais ou octogonais constituem, por outro lado, um traço distintivo entre as construções defensivas bizantinas, como se pode observar em Constantinopla (Istambul), ou em Évora, na torre de Sisebuto, ou mesmo em Antioquia. É do conhecimento geral, e encontramos referência a isso em, por exemplo, Procópio, *De bello Gothico*, que as cidades romanas da Itália e de todo o império romano apresentam um circuito de muralhas envolvente, sendo as que não o faziam a grande excepção da regra. Bizâncio é considerada, por outro lado, pelos investigadores modernos, mais como uma entidade reconstrutora de muralhas do que propriamente construtora (Lander, 1984) pelo que nos parece provável a sugestão que aqui apresentamos. Ossonoba apresenta uma evidência clara da presença Bizantina na cidade: o reforço das suas muralhas e o modo facetado como os torreões defensivos se apresentam a partir de uma determinada altura, e não de raiz.

Outro ponto de interesse a assinalar neste esquema defensivo entre Ossonoba e Lacobriga seria o forte da Sr^a da Rocha, ponta avançada e dominando toda a costa entre uma e outra cidade, onde aparecem vestígios de uma fortaleza, tendo tido ao centro uma torre octogonal posteriormente aproveitada para a capela da Sr^a da Rocha, de grande devoção entre os pescadores. De assinalar um pequeno átrio com três arcos redondos, assentes em colunelos rematados com três capitéis de decoração fitomórfica, confirmando a origem bizantina do templo, tal como encontramos por exemplo em S. Pedro de Balsemão, constituindo a forma característica das capelas designadas por «visigóticas» e dando este átrio o acesso à capela propriamente dita (Figs. 5 e 6).

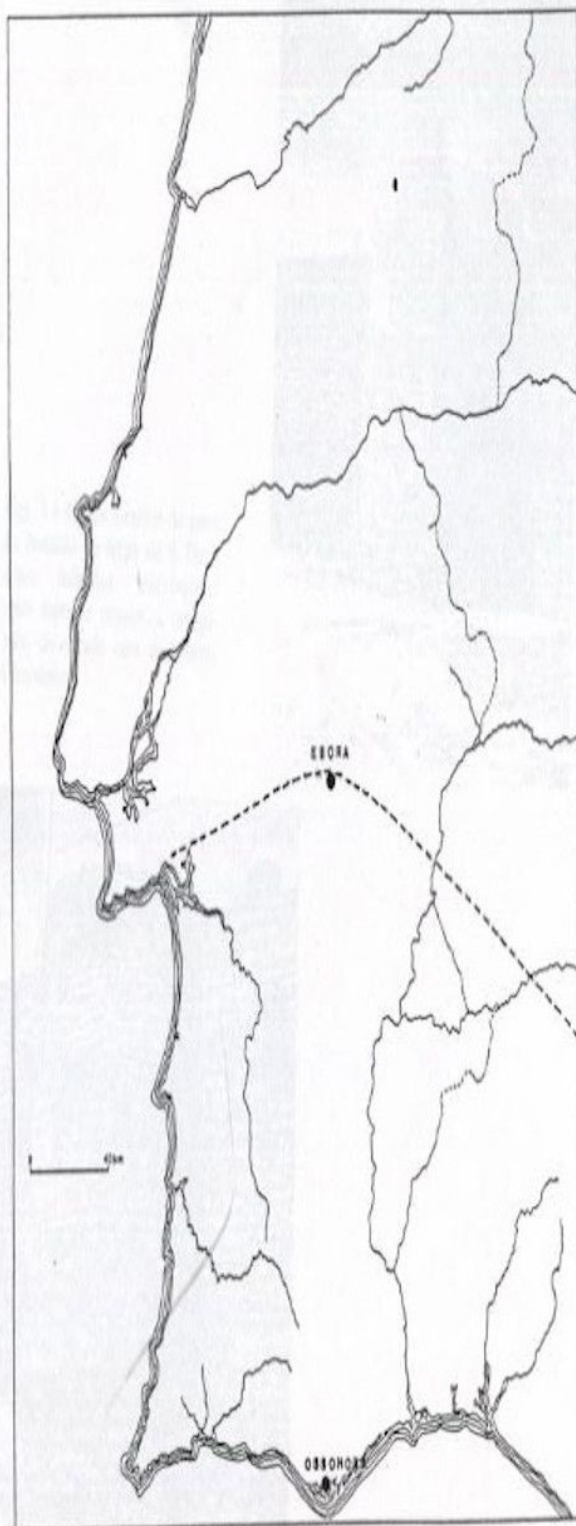
Conclusão

Parece-nos que, de facto, podemos detectar nas muralhas antigas da cidade de Faro e na capela da Sr^a da Rocha a presença Bizantina no Algarve, não de um modo forte e imponente, pois o tempo disponível não foi muito, mas subtil, efectivo e funcional no reforço das suas defesas e dos pontos chave do seu território.

Bibliografia

- Chronicle Caesarugustana*
Lex Romana Visigothorum
Fontes Hispaniae antiquae, IX (ed. Grosse, 1947)
Martini Episcopi Brocarensis Opera (ed. C. W. Barlow, 1950, New Haven)
Historia Gothorum Wandalarum Sueborum, Isidoro of Sevilla
 Islamic and Mozarabe Sources:
Ajbar Machmua Muzabicorum (ed. Lafuente Alcantara, Madrid, 1867)
Corpus Scriptorum Muzabicorum (ed. Juan Gil, 1973)
- Alarção, J., R. Etiénne and F. Mayet, 1990, *Les Villes Romaines de São Cucufate*, Paris, Boccard, CRNS
- Almeida, Fernando de, 1959, Nota sobre as muralhas de Idanha a Nova, Cong. de Portugal Medievo, Braga
- , 1962, Arte Visigótica em Portugal, *O Arqueólogo Português*, IV s., Lisboa, 1-278
- , 1972-74, Torre de Palma (Portugal), a basílica paleocristiana e visigótica, *Arq. Esp. Arq.*, 45-47, Madrid, 103-112
- Arié, R., 1982, *España musulmana (siglos VIII-XV)*, Barcelona
- , 1986, Notes sur les échanges culturels entre Al-Andalus et l'Orient musulman au Bas Moeyn Age, Cong. *Estudos Islâmicos*, ed. A. Sidarius, Évora, 133-146
- Goubert, P., 1950, Le Portugal Byzantin, *Bull. des Etudes Portugaises de l'Institut Français au Portugal*, XIV, Coimbra
- Herculano, A., ed. 1980-1982, *História de Portugal*, c. notas críticas de J. Mattoso, Lisboa, 4 vols.
- Júdice Gamito, T., 1989, The evidence of the Byzantine period in the algarve, an archaeological viewpoint - problems and perspectives, paper presented at the *I Symposium Ibérico de Estudos Bizantinos*, Lisboa (in Preparation for publication)
- , 1995, The most western part of Al-Andalus (Ancient Kingdoms of Portugal and the Algarve) - an ethnohistorical and archaeological point of view, *The Cultural Symbiosis of Al-Andalus*, Paris, UNESCO
- Lander, James, 1984, *Roman stone fortifications*, Oxford, BAR
- Leite de Vasconcellos, J. and M. Viegas Guerreiro, 1958, *Etnografia Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, vol. IV
- Lindley Cintra, L. F., 1983, *Estudos de dialectologia Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa
- Mattoso, J., 1983, *Identificação de um País*, Lisboa
- , 1987, *Fragments de uma composição medieval*, Lisboa, Estampa
- Menéndez Pidal, R., 1976, *Orígenes del Español, Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*, Madrid, 7ª ed.
- Oliveira Marques, A. H., 1964, *A Sociedade Medieval Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa
- , 1982, *História de Portugal*, Lisboa, Palas, vol. 1
- Orlandis, J., 1975, *História Social y Económica - La España Visigoda*, Madrid
- Ribeiro, O., 1968, *Introduções geográficas à História de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional
- Saraiva, A. J., 1979, *Época Medieval Portuguesa*, Lisboa, Inst. de Cult. Port.
- Torres, C. and L. A. da Silva, 1989, *Mértola*, Mértola, Campo Arq. de Mértola
- Vives, J., 1963, *Concelhos visigóticos e hispano-romanos*, Barcelona-Madrid

Mapa 1



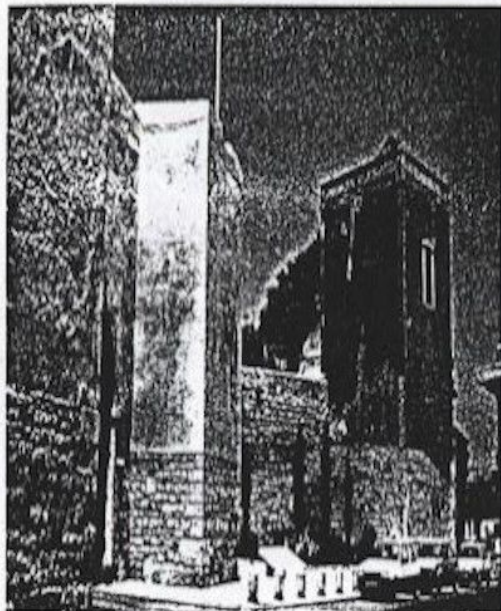


Fig. 1 - Arco do Repouso, e o conjunto defensivo da barbaca.



Fig. 2 - Pano de muralha sobre o largo de S. Francisco.



Figs. 3 e 4 - Os torreões do pano de muralha do largo de S. Francisco: redondos, inicialmente, estes torreões passam a octogonais, de acordo com os hábitos Bizantinos.





Figs. 5 e 6 - A capela da Sr. da Rocha (Armação de Pera) e a sua zona vestibular.

